

REVISTA DE CABO VERDE

EDITOR RESPONSÁVEL
Abílio da Cruz Madeira

Director — L. LOFF DE VASCONCELLOS
S. Vicente de Cabo Verde

IMP. DE LIBÂNIO DA SILVA
R. do Norte, 91 — LISBOA

A CRISE DE TRABALHO EM S. VICENTE

Como consequencia natural da falta de navegação n'este porto, occasionada pelas rigorosas e exaggeradas medidas sanitarias impostas injustificadamente ás procedencias d'este porto, pelos governos das republicas da America do Sul, manifestou-se uma grave crise de trabalho, que ia tomando um caracter assustador, mas que graças ás ultimas medidas postas em pratica pelo governo da Provincia, em virtude das energicas e justas reclamações e representações do Corpo Commercial e Comissão Municipal, foi attenuada a tempo, com a abertura de trabalhos publicos para soccorrer o povo, evitando-se assim que elle, esfomeado, commettesse actos desesperados e não continuasse implorando a caridade dos estrangeiros, a bordo dos poucos vapores que presentemente entram n'este porto.

A' hora em que escrevemos estas linhas, encontram-se occupadas nos trabalhos publicos, perto de 700 pessoas, que representam parte do numero das que se achavam privadas de todos os recursos e vivendo na maior penuria e na mais deploravel e estrema miseria.

Como se vê, pois, longe de serem exaggerados os clamores do Corpo Commercial, elles fôram justos e humanitarios, como os factos o estão demonstrando e justificando, e se foi digno de louvor o seu procedimento, representando e pedindo immediatas providencias, não o foi menos o da illustre Comissão Municipal, que acompanhou o Corpo Commercial nas suas justas reclamações, interessando-se com o governo da provincia a favor de centenas de desgraçados operarios, que estavam luctando já com os horrores da fome.

A situação podia ser considerada mais do que gravissima, se as providencias se retardassem mais 4 dias, e o corpo commercial chegaria ao ultimo termo da imprudencia, se o bom senso e o bom criterio do governador da provincia, lhe não impoesses a adopção das medidas reclamadas.

O presidente da comissão municipal, antevendo o caminho perigoso que as coisas levavam e a sobreexcitação em que se achavam todos os espiritos, pela insuficiencia das primeiras medidas tomadas pelo governo, chegou a pedir a sua demissão, por se vêr impotente para conciliar as aspirações dos muncipes com aquellas medidas, mas o corpo commercial, e os proprietarios telegrapharam immediatamente a s. ex.^a o governador pedindo a conservação do presidente d'aquella comissão, como medida imposta pelas excepcionaes circumstancias que se davam, e felizmente s. ex.^a telegraphou logo ao mesmo presidente, dizendo que não lhe concedia a exoneração pedida por não poder dispensar seus bons serviços como presidente da comissão, annunciando-lhe ao mesmo tempo que tinha dado ordens no sentido de satisfazer cabalmente as reclamações dos muncipes.

Assim ficou tudo resolvido satisfatoriamente, serenando-se os animos.

Não podemos prever quanto tempo durará esta situação anormal, pois que ella só terá termo com a extincção da epidemia da peste bubonica no Porto, e por isso, bom será que se dê uma orientação conveniente aos trabalhos que se mandarem executar, de modo que elles correspondam em utilidade ás importantes sommas que se hão de despende.

A cidade do Mindello carece de muitos melhoramentos e a occasião era propicia para elles serem executados com economia, attenta a redução dos salarios presentemente.

Entre esses melhoramentos destacam-se: o saneamento da *salina*, a limpeza e nivellamento dos terrenos situados nos contornos da cidade, o calçamento de algumas ruas, a avenida para o hospital novo, a arborisação da cidade, a limpeza dos terrenos denominados do *tarufe*, a terraplanuação de algumas ruas, etc.

Em todos estes trabalhos podiam occupar-se com maiores vantagens os trabalhadores que estão empregados actualmente no concerto de estradas, e até mesmo podiam-se fazer algumas construcções necessarias, como uma cadeia, um deposito d'agua para o abastecimento gratuito dos habitantes da cidade, um edificio appropriado para o posto meteorologico e capitania, um armazem para materias inflammaveis, um matadouro, etc.

Seria preciso empregar materiaes, mas que importa isso?

S. Vicente não tem um rendimento mais do que sufficiente para fazer face a todas essas despesas!

E porque se lhe ha de regatear esses melhoramentos?

Porque é que a capital tem tudo isso, e ainda mais, feito com o dinheiro que vae de S. Vicente.

Que equidade é esta de sangrar esta ilha até á ultima gota de sangue sem insuflar-lhe novos elementos de vida?

São estas e outras injustiças que teem produzido uma certa reacção em S. Vicente, e que podem trazer tristes acontecimentos, se o governo se não capacitar de uma vez para sempre, que os habitantes d'esta ilha estão cansados de vêr sahir todo o dinheiro d'aquí para outras ilhas.

E se querem saber o direito que nos assiste de reclamar a applicação de uma parte dos rendimentos de S. Vicente aos melhoramentos de que ella carece, leiam o art. 10.º do dec. de 1 de setembro de 1854, que creou o imposto de 100 réis por tonelada de carvão importado ou depositado, com o fim exclusivo de ser o seu producto applicado ás obras d'esta ilha, e leiam mais a regia portaria n.º 218 de 14 de dezembro de 1857, onde se recommenda muito particularmente ao governador de Cabo Verde, o exacto cumprimento e observancia d'aquella determinação.

De 1855 a 1867 cumpriu-se aquella determinação como se vê do mappa publicado no Boletim official da provincia n.º 38 de 1867, mas d'alli por deante, deixou-se de executar aquella lei, sem estar revogada, pois o proprio decreto de 30 de outubro de 1880, que

elevou o imposto do carvão a 300 réis por tonelada; refere-se ao citado art. 10.º do decreto de 1 de setembro de 1854, deixando de pé, a applicação n'elle determinada.

Esta lei tem de cumprir-se, e demais é bom que se se saiba que o referido imposta de 100 réis por tonelada de carvão foi creado em virtude do offerecimento feito pela casa Meiller, para o seu producto ser applicado aos melhoramentos de S. Vicente, como consta de documentos existentes na camara municipal d'esta ilha.

Ora, façam a conta ao rendimento do carvão de 1867 para cá, e verão quanto se tem illegal e illegitimamente desviado da applicação determinada, e aqui lavramos desde já o nosso solemne protesto contra esse facto, pelo qual nenhum tribunal portuguez deixaria de condemnar o governo, obrigando-o a restituir a S. Vicente as importantes sommas desviadas.

Reclamamos, pois, em nome do povo de S. Vicente, em nome da justiça e do direito, o cumprimento do art. 10.º do alludido decreto de 1 de setembro de 1854.

Um paiz que não respeita as suas leis, colloca-se fóra da lei e auctorisa todas as illegalidades, todos os crimes e immoralidades.

O esteio da sociedade é a lei e a religião; mas quando se não observam os seus preceitos, é fatal o desmoronamento e inevitavel a sua destruição e anniquilamento.

S. Vicente, não está exigente como alguns pretendem; pede só o que se lhe deve e o que precisa para viver, e protesta agora energicamente contra a usurpação dos seus direitos e regalias, pretendendo reivindicar seus fóros.

E' preciso levantar esta ilha á altura em que ella deve estar; é preciso escutar e attender as reclamações justas dos seus habitantes; é preciso saber-se que n'ella estão concentrados os interesses de toda a provincia e que o resurgimento d'esta depende absolutamente do porto de S. Vicente, que é a porta d'entrada

da maior parte do dinheiro que constitue as finanças da provincia.

E é preciso ainda mais: não considerarem-se politica local ou politica egoista e hostil as manifestações de um povo laborioso, que pede o que tem direito a pedir.

Respeite-se lhe pelo menos esse direito: o de pedir. E já que não pode mandar, pede, pede e vae pedindo, até ser ouvido.

A' ultima, hora consta nos que a pedido do sr. Vêra Cruz, o governo vae mandar executar alguns trabalhos que forem indicados pela camara da sua presidencia, e que são de instante necessidade, reunindo-se hoje extrordinariamente a commissão municipal para deliberar sobre o assumpto.

O DIRECTOR.

DUAS PALAVRAS

Creio ter já dito, ahí algures, sobre a graciosa classificação que, no arraial dos defensores da capital na Praia, se dá ao meu modo de discutir.

Nego, em absoluto, aos meus antagonistas, auctoridade para julgarem da orientação do que escrevo.

E, assim como quem gasta cera com ruins defuntos, aprez-me accrescentar:

As mais graves discussões teem dado, os mestres da polemica portugueza, esse sabor acre e desenojativo, essa feição despresticiosamente jovial e rude, alegre e brutal, que, já hoje, caracteriza a polemica, constitue a força principal da imprensa e guarda os duellistas da penna muito longe d'esse incomportavel ridiculo de falar de cadeira, — Pericles de louça envoltos na clamyde d'uma tola gravidade, muito seriamente compenetrados do papel doutoral e circumspecto que representam.

Do campo das desopilantes gravidades, só se affastaram sarrafaças, malcriações, indecentes da laia e

FOLHETIM

AMORES D'UMA GREOLA

por

ANTONIO DE ARTEAGA

(Continuado do n.º 14)

Um escalor, momentos depois, partia da praia com o tenente Freire e dirigia-se cautelosamente a sotavento dos navios. Quando se achava a pequena distancia um relampago descobriu o escalor e, de bordo de um dos navios, foi dada uma descarga de fuzilaria que feriu dois marinheiros. O escalor afastou-se logo e dirigiu-se para terra.

O tenente Freire tinha reconhecido dois brigues de duzentas a trezentas toneladas.

Após a descarga partiram de terra dois tiros e as balas vieram cabir proximo ao costado dos dois navios.

Conhecidas ás más intenções dos barcos e não restando a menor duvida de que eram piratas ou negreiros, que n'esta quadra procuravam todos as costas mal defendidas, em busca de escravos e de pilhagem, foram reforçadas as baterias a barbeta e carregadas todas as peças, preparando-se assim tudo para o caso de tentativa de desembarque.

E não se enganavam. Ainda não tinha decorrido um quarto d'hora, depois do fogo feito pelo forte, que da barbeta um vigia descobriu seis escaleres a largarem

de bordo dos dois brigues. O coronel Bezerra pôz a sua gente em linha de atiradores, em toda a extensão da bateria e pela praia, ao passo que o major Mello dirigia a pontaria da artilheria para os escaleres e para os navios. Antes d'estes atracarem á terra, uma descarga de fuzilaria caiu sobre elles e a artilheria começou a vomitar metralha, e que obrigou os navios a levantar ferro immediatamente e a fazerem-se ao largo. No entretanto os escaleres avançavam e a sua gente saltava em terra correndo para a barbeta e respondendo á fuzilada.

A noite era escura e chovia. Da crista das montanhas o forte vomitava fogo sobre o oceano; em baixo o tiroteio e os gritos dos que chamam feridos ou mortos e o toque das cornetas, misturado com o echo das detonações, repetido pelos valles, tornava o quadro medonho!

Emquanto isto se passava á beira mar e nas baterias sobranceiras ao porto, na cidade corriam de um para outro lado os habitantes, uns a saber noticias do que occorria, outros, com algum dinheiro, e valores, apparelhando cavallos e partindo para o interior da ilha.

A casa de Manuel Gomes continuava ainda illuminada, mas quasi deserta; apenas algumas damas e Thimoteo da Veiga alli estavam.

Maria, debruçada n'uma das janellas olhava para o lado do porto, onde parecia mais encarniçada a luta. Seu pae foi ter com ella.

estatura dos nossos primeiros polemistas; os quaes energumenos, os quaes ignorantões, atira-os a peregrina sabença caboverdeana, na olympica indignação do seu fino paladar offendido, para o horrído fundo d'esse abyssmo do ridículo, para onde, *summaria e interinamente*, também me remellem, sem calcular o quanto com isso me honra.

Desde o velho pamphletario Rochefort, — agora asanhado em odióssimo perseguidor da bella, da nobilissima raça hebreia, — até á celebrissima Roza Minguinha, que Deus haja, minha compatriota, — todos os Atilas da penna e da lingua, teem cahido n'esse ridiculo, n'essa indecencia de rir sem dó, de malhar sem piedade.

Acima, porém, muito acima de todas essas auctoridades; falando mais alto que todos esses que se fizeram e se fazem ouvir em Paris, em Berlim, em Londres, em Lisboa; transcendendo-se mais que toda a intellectualidade de todo o mundo; librando-se, mais junto dos astros, que todas as aguias do pensamento humano, mettendo n'um chinello todos os fundibularios da polemica do nosso planeta (para não irmos mais longe), atirando, desdenhosamente, para o *ridículo* com todos esses lilliputianos Davids das lusas letras que se chamam Camillo, Silva Pinto, Guerra Junqueiro, Fialho d'Almeida e outros tantos, — estão os formidaveis Goliaths da prosa cabo-verdeana; porque são graves, cordatos, decentes e circumspectos; porque falam às turbas lá do alto da sua cathedra; porque se fazem ouvir á porta das boticas, porque sabem d'essa cousa da liquefacção do ar; porque não ignoram que a substituição do carvão, está para a semana que vem; porque descobriram nas cinzas do passado uma Bombaim fossil, — o que levou um dos seus luminares a chamar a S. Vicente *mo-terna Bombaim, Bombaim dos nossos dias*, dando, assim, com modestia de sabios, a entender á immensissima porção de ignorantes que constitue o resto das gentes, que, em periodos lá muito atraz, houve uma Bombaim cuja brilhante civilisação,

cuja mythica opulencia se atufára na voragem dos tempos, á semelhança de Ninive, Babylonia, Herculanium, Pompeia, Carthago, etc.; porque, nas suas discussões, não produzem uma phrase, uma apostrophe, cuja absonidade vá ferir os castos ouvidos d'essa pudica sociedade a que pertencem, a qual, evidentemente, não é uma corja de apreciadores d'escandalos, como ess'outras por cujas apreciações, por cujas enthusiasmos deriva a caudal de todas as verrinas que deshonram a imprensa de todo o mundo; e, finalmente, porque são de tal força que, mesmo na situação em que os teño collocado, — mortos — serão precisos seis homens ou o celebre sendeiro do saudoso Guilherme Dantas para os tirar de casa. —

Em França, a Poesia, sob a pittoresca e desalinhada orientação de Verlaine, soffren uma revolução.

Em Cabo Verde, a Polemica (mesmo com P maiusculo) topou os seus Verlaine, repululando em nephelibatices mais ou menos irrisorias. Aquelle, o poeta de melenas e ideal, mais os seus discipulos, andam na lua, lá em cima, de braço dado com o S. João d'Ariosto, tropeçando, a cada passo, n'aquelles famosos frascos de juizos perdidos; — e chamam-se *nephelibatas*; estes, os pellados prosadores sem ideias cá estão em baixo, a chapinhar nos paues, sobraçando as gamellas, muito apegados á sua Santa Conveniencia; — e, se ainda não teem nome scientifico, não serei eu que, já agora, lhes acolheteie, autonomasticamente, uma classificação zoologica. Com vista ao meu intelligentissimo amigo o sr. Francisco Newton.

Eu queria tomar o peso aos acertos contidos desde a primeira á ultima linha do artigo — *A mudança da capital* — publicado no n.º 10 da Revista.

Não o faço, porém; não que me demova de o fazer a grasnada que o meu modo de *discutir* levantou ali pela cerrada fileira d'esses graves, cujos perfis levam a desconfiar que Deus haja plagiado as creações de

— Maria, espero Manuel Gomes, que foi certificar-se do que succede. No caso de perigo, partimos immediatamente para S. João, e para isso já mandei enfiar os cavallos.

Passavam n'este momento a grande galope tres cavalheiros que, debaixo da janella gritaram: Os piratas forçam as baterias! Salve-se quem poder! Ao mesmo tempo um d'elles disparava um tiro de revolver. Era um signal que só Maria comprehendeu.

Thomé correu para o interior da casa a chamar os creados e dar-lhes ordens.

Maria, aproveitando a confusão que alli reinava, desceu por uma escada para o pateo, abriu uma porta, que dava para a ribeira e dirigiu-se entre as plantações de canna, para o lado do convento. Alli encontrou Frederico que lhe deu a mão, guiando-a para a esquerda. Junto a um velho tamarindeiro estavam tres cavallos sellados; n'elles montaram Maria, Frederico e o seu amigo Rogerio.

— E agora, exclamou Frederico, a caminho e que Deus nos proteja!

Os cava los partiram a grande galope, allumiados pelos continuos relampagos, meio assustados pelos echos que a ribeira reperculia da canhonada e fuzilaria.

No entretanto no porto a lucta afoxava. De bordo de um dos brigues, foi feito um signal e os assaltantes recolheram precipitadamente aos escaleres e dirigiram-se para o largo debaixo do constante fogo da terra.

Os piratas retiravam.

Começava então a despontar o dia. Os dois navios achavam-se a quatro milhas da terra, largaram mais panno, e, corridos com forte vento sul, depressa desapareceram para o norte da ilha.

Manuel Gomes e seu filho Thimoteo voltaram a casa a socegar a familia e annunciar-lhes que todo o perigo havia passado. Entrando alli encontraram Thomé da Veiga como louco, correndo de um para outro lado com um papel entre os dedos.

— Que desgraça, amigo Gomes; que desgraça! Leia, leia, dizia entregando-lhe uma carta.

Abriu-a Manuel Gomes e leu:

«Meu pae

«Antes morrer do que casar com Thimoteo. Parto e espero que perdoe á

Sua filha
Maria.

— Fugiu com Frederico! Não resta a menor duvida, exclamou Manuel Gomes. E' preciso seguir-lhes as pizzas e prendel-os.

— Eu obterei, hoje mesmo, uma ordem do coronel Bezerra e uma força de cavallaria, retorquiu Thimoteo. Não nos ha de escapar. e uma bala perdida não leva sobrescripto muitas vezes. ... Eu mesmo acompanharei a força. Quero encontrar-me frente a frente com Frederico. D'esta vez não me ha de escapar!

(Continúa).

Daumier; senão porque, a inicial A, é, como bem me custou a crer, um amigo.

Levado, porém, n'um mal contido impulso de impaciência, cheguei a responder, sincera, violenta e brutalmente.

Sobreveio, felizmente, um momento de relativa calma d'espírito. Olhei, lá atrás, os caminhos da minha vida já percorrida. Levei o meu pensamento áquella atmosphera em que as felicidades passadas, mergulham, lá de vez em quando, as almas dobradas brutalmente ao pezo dos males presentes.

Os meus olhos pasceram dolorosamente, suavemente nas recordações arroxeadas pelas saudades, que, ao entardecer da felicidade, veem chamar o coração para o casar com a Dór, uma triste noiva, mas uma esposa fiel, constante, que nunca mais abandona o noivo, senão lá quando elle rolar para o fundo d'uma cova; vi, erguerem-se envoltas no luto d'um desgosto infinito, sombras d'affeições santificadas pelas immorredouras lembranças da infancia, e, — pois que, encruados por tantas infamias, por tantas porcarias que teem visto, os meus olhos já não podem chorar, — o meu coração, esse chorou aquellas lagrimas de que a imbecilidade cynica dos parvos não pode rir-se, — e rasguei a *cerrina*.

Volto, porém, ás columnas da *Revista* a dizer áquelles que me quizerem ouvir:

N'esta queetão da mudança da capital tenho chegado á conclusão de que, adversarios de certo calibre, deve-se tratar menos de os convencer que de os destruir.

Porque: ou estão convencidos da verdade, e, interesses inconfessaveis os levam a por convencidos se não darem; ou não estão convencidos d'ella e, de taes clarezas de entendimento são dotados. . . , só a machado se lhes pode metter na cabeça a rasão das cousas.

Em ambos os casos o trabalho é improbo, ingrato, e, evidentemente, desabonatorio do criterio de quem o quer levar a cabo.

Note-se: em nenhum d'estes casos, estas minhas referencias incidem sobre o sr. A.

Tratarei, de futuro, de adduzir argumentos, de produzir provas que visem convencer os poderes superiores da metropole, da urgencia e necessidade de se mudar a capital para S. Vicente. Se me não ouvirem, tanto melhor para mim; não terei o trabalho de modificar o conceito que d'elles faço em geral, como admiradores sarrafões e pessimos exploradores da opulencia colonial que se definha e se perde á sombra da bandeira das quinas; se me ouvirem, isto é, se tiverem pesado os argumentos da rasão, não me terão feito nenhum favor, nem eu terei feito nada que mereça premios, porque o dever tem de ser cumprido sem se impor a galardões.

E se, finalmente, lá no decorrer dos factos, notas, e elementos que eu fôr apontando áquelles a quem compete a iniciativa d'essa mudança, alguém se lembrar de, novamente, se lançar ás piadas, para depois, como já aconteceu, attribuir-me o tel-as primeiro trazido a terreiro, — esse tal, — com excepção feita ao sr. A., por muitas e particulares rasões, não de dependencias hierarchicas que as não ha, senão de affeições intimas e respeitaveis que prevalecem — esse tal, que vista cota de malha que amortega os golpes do meu modo de discutir inconveniente e descortez.

E. TAVARES.

Dr. Arnaldo de Mendonça

Os habitantes de S. Vicente, por occasião da sabida d'este illustre clinico, dirigiram-lhe uma mensagem de agradecimento pela maneira acertada, prompta e ze-

losa como s. ex.^a se lionve no desempenho da sua melindrosa missão de delegado de saude n'esta ilha, promovendo a tempo a adopção de medidas sanitarias para evitar a communicação d'este porto com as procedencias de Portugal, infeccionadas ou suspeitas de peste bubonica.

Na mesma mensagem, os signatarios testemunhavam a s. ex.^a o alto apreço em que tinham as suas brilhantes qualidades de clinico distincto e proeminente e a magua que sentiam pela sua retirada d'esta ilha, onde deixou inumeros amigos e admiradores.

Esta manifestação foi justa e merecida e bem haja o povo que sabe cumprir os deveres que o merito impõe.

ACÇÃO RELIGIOSA EM CABO VERDE

(Resposta ao sr. P. Monteiro)

Por motivos facéis de comprehender — *ad majorem Dei gloriam* — limitamos a nossa resposta a pedir ao illustre articulista, queira lêr a paginas 184 do livro *Apointamentos*, recentemente publicado pelo sr. dr. Ferreira da Silva, e alli encontrará, descripto por penna insuspeita e abalisada o estado da religião em Cabo Verde.

Era desnecessario relembrar os serviços prestados a esta Diocese pelo actual prelado, D. Joaquim Augusto de Barros. Ninguém os contestou, nem os desmereceu, antes no nosso artigo *Decadencia religiosa* os exaltavamos, com toda a justiça e verdade, pois taes serviços são do conhecimento de todos, e muito particularmente d'aquelles, que, como nós, seguem passo a passo e com sensível regosijo, o engrandecimento da Igreja e da Religião.

Que sua ex.^a, tem sido incançavel e extremamente zeloso em fazer progredir os negocios religiosos confiados á sua sábia e prudente direcção, sabem-n'o todos, e nada temos que vêr com as apreciações da *Revista Catholica*, e o que desejariamos era que todos os parochos cumprissem rigorosamente os preceitos emanados do seu prelado, porque, fazendo-o, tornariam mais salutar e proficuos, os bons esforços e empenho de s. ex.^a, e encheriam de jubilo e enthusiasmo a alma sã e verdadeiramente christã de um dos mais venerandos e virtuosos antistites da Diocese Caboverdeana.

Não queremos dizer que todos o não façam, nem nunca affirmamos nem pretendemos insinuar, que o clero de Cabo Verde seja relasso na sua generalidade, mas continuaremos insistindo na necessidade de frequentes catecheses e do ensino religioso, porque como muito bem diz o dr. Ferreira da Silva, na sua Pastoral de 10 de dezembro de 1890: Não correm os tempos favoraveis para a Igreja de Deus, sendo como são tantos e tão encarniçados os seus inimigos.

Tremendas são as responsabilidades dos ministros do altar, e se cada um as pezar bem em sua consciencia, grande pavor se deve apoderar do seu espirito no receio de que a falta do devido cuidado e zelo possa prejudicar a salutar missão de que fôram encarregados, como medianeiros entre Deus e os homens.

Sem falar da compostura de costumes e bom exemplo que todos devei á vossa propria posição, o que é sem duvida a primeira das qualidades que mais recommendaveis tornam os pastores d'almas no exercicio dos suas sagradas funcções, quero chamar muito

especialmente a vossa attenção para o ensino da doutrina christã.

Clama ne cesses.

SILVA CAMPOS.

A empresa Nacional e o serviço dos vapores do correio do archipelago

Não teremos mais vapores ao serviço do correio do archipelago, assim corre de bôcca em bôcca, enquanto durar a epidemia da peste bubonica no Reino, porque se diz que a Empresa Nacional assim o resolveu em sua alta sabedoria e o annuncion pela tuba dos seus agentes.

Está muito bem e, outra cousa não era de esperar de uma Empresa que é um estado no Estado!

Esta resolução affirma-se que foi tomada em vista dos embaraços quarentenários que ha em Cabo Verde! E' curiosissimo este argumento!

Pois a Empresa queria que para se não embaraçar os seus vapores e não se prejudicar os seus interesses, se importasse uma epidemia em Cabo Verde?

Os vapores passarão a ir só á Guiné, regressando directamente a Lisboa, porque n'aquella provincia não ha os embaraços de Cabo Verde.

Não sabemos o que ha de exacto n'esta affirmativa, mas se na Guiné se não observam os preceitos quarentenários e as medidas de rigor, aconselhadas em casos taes, o que ha a fazer é considerar aquella provincia como suspeita de peste bubonica, e haver com as suas procedencias todas as cautellas e cuidados.

A Empresa Nacional que é muito egoista dos seus interesses, antepondo-os sempre a todas as conveniencias publicas e commerciaes do Ultramar, pouco se importa que a provincia de Cabo Verde fique sem o vapor do correio; quando é certo que podia conciliar os seus interesses, os do commercio e do publico, nas actuaes circumstancias, conservando um dos vapores pequenos ao serviço exclusivo do archipelago e destacando o outro para as viagens da Guiné e Lisboa.

Não o quer porém fazer. Está no seu direito, visto que não ha meio de a obrigar a cumprir com os seus deveres.

O que conviria é que se creasse uma empresa em Portugal, para o serviço da carreira entre o archipelago, porque os seus capitães ficariam perfeitamente collocados.

O governo, para o qual clamamos a sua attenção, é que deve resolver este assumpto, de fórma a não deixar o archipelago sem a sua carreira de vapores entre as ilhas.

X.

FOMENTO COLONIAL

Resposta á circular do Ministerio da Marinha

(Continuado do n.º 10)

2.ª Questão — Industrias

Quaes as industrias que podem crear-se ou desenvolver-se no ultramar, e qual a protecção que lhes deve ser dispensada, tanto no ultramar como na metropole?

1.ª Parte: quaes as industrias que podem crear-se ou desenvolver-se?

1.º A pesca. Em todas as ilhas, e especialmente no Sul, Boa Vista, Maio e nas Desertas, ha extraordinaria abundancia e variedade de peixes e outros animaes que constituem

o objecto da pesca. Esta industria é talvez a mais lucrativa de todas as que tenham cabimento aqui, pois o capital que se empregue no material da pesca será extraordinariamente compensado pela abundancia do pescado e pelo consumo tanto interno como externo.

Montar, portanto, uma intelligente e especulativa industria de pesca, com seccagem, salga, e conservas para exportação, é empresa que fará prospera qualquer iniciativa particular ou official.

No banco de Arguim, fronteiro ao cabo Verde, ha muito e bom bacalhau. Ha muita baleia em nossos mares caboverdianos, ha variedade e abundancia de atum (alvacôra, cachorra, ilhéu, etc.), ha innumeraveis variedades de peixe. Temos salmonete, dourada, castanbeta, tainha, cherne, sagos, vezugo, salmão, garoupa, salmão, anchova, peixe rei, bodeão, carapau, chicharro, bicudo, agulhão, mero, merão, bombom, badejo, velha, ferreiro, palombeta, arenque, sardinha, sabão, pampo, pargo, peixe espada, bonito, forcado, cabrinha (fambil), tubil, charroco, linguado (minguado), papagaio, cavalla, olho largo, mourão, bica, rãta, esmorogal, barbo, barbeiro, e muitas outras variedades.

Ha moreias de muitas especies, distinguindo-se o apreciadissimo congro. Ha gata (especialmente na bahia das Gatas, na Boa Vista), lubarão, cação, viola, etc.; e tartarugas, lagostas, lapas, polvos, persêve, etc. De 1892 a 1897 a provincia exportou 31:405,820 réis em peixe.

Ha, portanto, nos mares de Cabo Verde, *materia prima* abundantissima, variada e rica para uma empresa industrial de primeira ordem, auferindo-se enormes lucros, e dando-se trabalho a muito rapaz que vagueia pelas ruas, de dia fumando cigarros, e de noite forçando as portas alheias. Uma *empresa official*, onde fossem empregados taes desgraçados e os que são condemnados, nos tribunales, seria a regeneração de muitos, a prosperidade de muitas familias, e um dos melhores meios de acabar com as *cadeias*, que só servem para requintar os maos instintos.

A pesca do coral, merece um paragrapho especial.

2.º O gado. A industria pecuaria foi sempre considerada uma riqueza. As fortunas patriarchaes, como ainda hoje acontecem nos paizes menos civilizados, eram constituídas de grandes manadas do gado.

O gado enriquece os terrenos com o seu estrume, alimenta o lavrador com o seu leite, e dá um lucro superior a 10 % com as crias, com as carnes e pelles.

Ha boa qualidade de gado em toda a provincia. Sabe-se que nas nossas ilhas houve grande industria pecuaria nos primeiros tempos da sua descoberta, com grande vantagem para os donatarios.

Até ao principio d'este seculo a colonisação propriamente dita, limita-se ás ilhas de S. Jorge e Fogo, estando as outras destinadas á creação de gado, como attestam documentos referidos por Lopes de Lima. Pastores e caçadores, *que tinham por officio fazerem carnes e chachinas* (Guerreiro, Rel. ann. 1605), foram os primeiros elementos colonisadores, introduzidos pelos *Senhores Donatarios* das ilhas, que já no fim do seculo xiv exportavam muita courama, e ainda n'este seculo no tempo da guerra peninsular, proviam de carne salgada o Arsenal de Marinha de Lisboa.

Ha bom pasto, e o gado não é sujeito a trabalhos agricolas.

Podemos prover de gado os navios que aqui recebem carvão, podemos exportar muito gado vivo e carnes preparadas, pois ha abundancia de vacas, carneiros e capados, e podemos fornecer cavallos, mulas e burros ás colonias nossas irmãs. Em 1897, havia na provincia 14:000 bovidos, 19:000 azininos, 50:000 caprinos, 2:000 equinos, 10:000 ovinos, 500 muaras e 25:000 suideos, importando em 500 contos. E' preciso notar que a estatística, d'onde arredondamos estes numeros, está longe de ser exacta, porque os particulares não registam a *maior parte* do seu gado. Em Cabo Verde não ha menos de mil contos em gado. A provincia sempre exportou gado de toda a casta, tanto para a Europa, e America, como para as colonias, sendo actualmente de alguma importancia real a exportação de machos e mulas para Angola.

Quando Napoleão I, tentou subjugar pela 3.ª vez os netos de Viriato, mandando invadir Portugal, sob o atrevimento de Massena, acompanhado de 85:000 homens, Cabo Verde não foi insensível á injuria. Não podendo os caboverdianos ajudar o seu Rei com o seu dedicado braço, que tambem é forte, fizeram a offerta de vinte e tantos cavallos para a remonta da cavallaria, facto que D. João VI remunerou, conferindo a cada offerente uma commemorativa medalha com a Regia Effigie n'um lado e n'outro a inscripção: Prémio de Fidelidade.

O maior prémio, porém, será uma rasgada protecção á industria pecuaria, e favorecendo aqui o *cortume* das pelles que quasi todas vão para a America, e o fabrico aperfeiçoado de queijo e manteiga do bom leite que ha.

3.º Cortumes. O cortume das pelles é facilissimo em Cabo Verde, pela abundancia e variedade de plantas do tannino, como

a figueira, a goiabeira, o tortoölho, a hombardeira, tarafe, tamarindo, a romeira, o espinheiro. Em Santo Antão ha duas fontes mui curiosas e ricas para esta industria: uma porque, mettendo-se n'ella por espaço de uma hora a pelle não curtida, fica immediatamente curtida; a outra, porque mergulhando-se n'ella a pelle curtida, esta fica instantaneamente tingida de preto, devido ao lodo alli depositado. Bastava a riqueza mineral d'esta ilha para garantir-lhe prosperidade.

A ilha de Santo Antão, rica tambem em elementos vegetaes para o cortume das pelles, está naturalmente indicada para uma empreza de cortumes.

Em 1842, a ilha de S. Nicolau exportou dez quintaes e meio de couros preparados. De 1892 a 1897 a Provincia exportou 56 contos (numeros redondos) em couros e pelles, tendo havido talvez mais do dobro da exportação para a America só em pelles de cabra que sahem por contrabando.

Desviar, ao menos, esta exportação para a Metropole, com preço igual ou superior ao que offerece o commercio americano, tal deve ser o objecto dos cuidados do governo, tanto mais porque essas pelles são commutadas em pannos de algodão, crús e estampados, que as nossas fabricas podem fornecer-nos, manufacturando o nosso proprio algodão, não menos rico que o americano e cuja cultura pôde desenvolver-se extraordinariamente em todas as ilhas do Archipélago.

4.º — *Olaria*. E' de optima qualidade o barro da Boa Vista, havendo-o tambem muito bom no Tarrafal da ilha de Santiago. Uma olaria montada n'aquella ilha, mas em condições sólidas, diferentes das da tentativa extinta em 1894, seria de grande alcance e melhoramento para a antiga capital da Provincia, onde só a industria ceramica, de mãos dadas com a pecuária, heliética, salicola, cálcica e saboeira, pôde eclipsar as nuvens de gaffhotos que alli somente poupam a purgueira, o calcáreo, o sal, os peixes e o barro.

O barro da Boa Vista produz boa telha, como já está tecnicamente provado sendo ella talvez superior á que se importa, pois resiste á acção do salitre nos tectos á beira mar, onde não resistem tres annos as telhas importadas.

Tentou-se fundar alli uma empreza em 1893, á iniciativa e empenhados esforços do ex.º director das Obras Publicas da Provincia, o sr. coronel Frederico Augusto Torres, e com o auxilio do então governador da Provincia, o ex.º conselheiro Serpa Pinto, secundados por abastados capitalistas e alguns proprietarios da Boa Vista; mas, infelizmente, nada se conseguiu até ao presente.

Importámos telha de má qualidade e compramos a aqui a 50\$000 réis o milheiro, podendo nós fabrical-a boa e exportal-a a 30\$000 réis. Os tijollos tornariam as construcções mais sólidas, elegantes e talvez baratas, gastando-se muita cantaria de cá e do exterior, com uma despesa relativamente grande.

5.º — *O sal*. E' sobrejamente conhecida a superioridade do sal de Cabo-Verde, que possui na ilha Sal o mais curioso deposito natural, que ha no mundo (Pedra Lume); na ilha da Boa Vista, uma inextinguível collecção de salinas que exigem pouco trabalho e o precioso sal de mesa, em estado natural, mas perfeito, nas salinas do Norte; e na ilha de Maio, como se diz, o mais saboroso dos saes da Provincia. Consta que vão ser abolidos no Brazil os exhorbitantes direitos contra a importação do nosso bom sal; havendo todos os Estados d'aquella Republica, menos dois, votado a nosso favor. Oxalá vejamos raiar ainda nas ilhas salineiras o esplendor do seu antigo commercio mineral, como quando (1843) o Maio e Boa Vista exportaram mais de dez contos, e o Sal, a coitadita, mais de 20, em rivalidade com Santiago, a maior das ilhas, e 40 vezes mais que Santo Antão, a rica.

Proteger a industria do sal, por meio de um tratado de commercio com o Brazil, que já foi nossa irmã, e que ainda o é, — deve ser um dos mais perseverantes empenhos do governo de Sua Magestade.

De 1839 a 1842 (4 annos), Cabo Verde exportou 46:545 moios de sal, importando em 19:385\$293 réis; de 1892 a 1897 (seis annos), exportou 28:371\$000 réis.

Cabo Verde é conhecido em quasi todas as praças commerciaes, pois os seus portos têm recebido, á carga de sal, navios de todas as nações e Estados. Anime-se pois esta importante industria, dando mais vida a Provincia.

6.º — *A cal*. Faz-se ou pôde-se fazer cal em todas as ilhas. E' boa e muito alva toda a cal de Cabo Verde. Esta industria, porém, que pôde muito soccorrer ao pobre, não tardará a extinguir-se nas ilhas onde se fabrica, como na Boa Vista, não a carvão mas á lenha, porque vão desaparecendo sensivelmente as plantas que fornecem o combustivel, por demasiado abuso.

A intervenção da Auctoridade para não deixar arrancar toda a carqueja e morraça e extinguir os tarafes, é urgentemente reclamada pela necessidade de arborisação das ilhas, tão prejudicadas não por grande falta de vegetaes, como pelo abuso que ha em cortar e arrancar, sem systema nem regula-

mento algum, o combustivel para a cosinha. Calculando bem a lenha que se gasta em Cabo Verde, sem necessidade de importal-a, nota-se que ha muito vegetal na Provincia. Era preciso porém regular o corte das tarafes, tortoölhos, zimbrões e espinheiros, cultivando-se ao mesmo tempo estas desprezadas especies.

Tomando por base o consumo diario de uma carga de lenha de 25 kilog. a 100 réis para cada dez pessoas, e sendo de 142:000 habitantes a população da Provincia, produz esta annualmente 1.420:000 réis em lenha, sejam 400:000 kilog. Se assim continua a combustão da Provincia, sem que o corte da lenha seja compensada pela plantação ou sementeira de especies vegetaes de igual ou maior vantagem, ficarão calvos os nossos montes e morrerá não só toda a agricultura como, por consequencia, as industrias pecuária e da cal. Iamos entrando já no coração de um assumpto, que reservamos para as considerações finais. A, elle voltaremos, pois, com a instancia que pede.

P.º ANTONIO DA COSTA.

Dr. Manuel Nunes d'Oliveira

Chegou a esta ilha, de regresso da Guiné, este distincto medico, que veio desempenhar o cargo de delegado de saude.

S. ex.ª, que gosa de geraes sympathias em toda a provincia de Cabo Verde, é mui'o considerado em S. Vicente, onde tem prestado importantes serviços.

A VIDA DE PORTUGAL E SUAS COLONIAS

A justiça d'outr'ora e os erros za presente

(Continuado do n.º 10)

Para haver moralidade na sociedade deve existir a justiça — limpa e pura, como o cumprimento d'uma religião.

A justiça é uma virtude que dá a cada um o que lhe pertence; é o direito que dá pena ou castigo publico; é finalmente o conjuncto de todos os habitos moraes que constituem o bom ao homem. Assim foi outr'ora e assim devia ser hoje; mas a corrupção dos homens, o fallecimento da moralidade publica e o apodrecimento da consciencia dos seus executores tornaram a justiça n'uma palavra suspeita, peor que a peste bubonica!

E effectivamente, que se havia de esperar d'uma desmoralisação social, nascida no lar domestico, e sustentada ou pela ignorancia dos paes, ou pela corrupção dos mestres, que n'esta epocha, geralmente, só instruem e não educam!

Outr'ora a educação era indispensavel para o homem da sociedade, era a primeira fonte onde a criança bebia desde que principiava a articular palavras até á escola primaria, passando depois aos cursos superiores com um coração dotado de bons sentimentos; porém hoje não se attende que a creança colha uma educação moral e religio-a, para que os seus actos da vida sejam bons, o que importaria, é que essa criança estude só profanamente, e que do seu estudo possa adquirir um diploma scientifico, para se collocar nos diferentes ramos do ministerio da sociedade, embora seja um libertino, um impio, sem a menor vergonha nem temor de Deus, a questão é que seja homem de sciencia, e saiba manejar bem as rabulices da educação que recebeu do lar viciado e da escola libertina, onde os maus exemplos e costumes peccaminosos nutrem o coração do menor, como se fosse um sustento physiologico!

E' d'aqui que nasce tudo quanto é mau, porque não

poderão haver bons filhos de paes corruptos, nem tão pouco poderão haver bons academicos ensinados por mestres libertinos!

E' um perigo viver-se hoje n'uma sociedade, onde os ministrantes das leis sociaes, na sua maior parte, nem teem peso de consciencia, nem amor pela verdade, são uns automatados movidos por cordeis, sem sentimento pelo bem, nem remorso pelo mau, são almas barrentas sem espirito e sem ideal, tendo por eternidade a estrumeira das fezes digestivas.

E quem havia de provar estes factos que em toda a parte se observam com mais ou menos repugnancia, foi a França, o grande paiz que deu a luz da liberdade, da justiça e da moralidade ao mundo inteiro nascida dos campos das suas batalhas e sustentada depois pelos seus tribunaes; mas não condemnemos o coração da França, o grande povo que trabalha no progresso da humanidade, não confundamos esse povo que sustenta a honra da França e o seu poder, com essa casila de corruptos, bandidos da justiça, carrascos da innocencia, patentes n'esse tribunal de Rennes, em que foi victima o innocente Dreyfus,

Foram cinco homens constituídos em juizes, cinco automatados, sem consciencia, sem dignidade, que condemnaram perante a espectativa do mundo inteiro um innocente, para salvar convictos criminosos.

Salvaram o estado maior da sentença que mereciam, deshonrando para isso a justiça dos codigos militares da França, nada mais infame; nada mais baixo!

Não sabemos como esses intrusos da honra alheia vivem hoje em França, não deviam viver, a sua expulsão já se deveria ter dado, como um acto de honra para o povo francez, pois, não se fazendo isso, o povo, a França de Napoleão, não merecerá d'hora avante grande confiança nos seus veredictums,

Não basta o indulto feito a Dreyfus para salvar a honra dos tribunaes francezes, é preciso mais, é preciso que a toda essa tropa de falsarios lhe sejam tomadas as devidas contas, porque o indulto de Dreyfus deu-se com o medo do povo francez e de todas as nações cultas das cinco partes do mundo que, á uma, se levantaram contra a infame sentença, portanto esse indulto nada reparou.

Dreyfus obteve a liberdade por meio do medo e de conveniencias politicas, ficando sendo sempre um condemnado indultado.

E' revoltante o que se acaba de dar na republica franceza, que se dizia ser um governo liberal, ungido com balsamo da justiça, dando igualdade, liberdade e fraternidade para todos; é uma mentira.

Todo esse drama que ha quatro annos se representa nos tribunaes francezes, demonstra bem a desmoralisação, a baixeza de caracter, a que desceram os executores da justiça da patria de Victor Hugo.

Houve um homem em França que, possuindo talento, coragem, valor e amor pelos opprimidos, se levantou em defeza do martyr dos abutres do estado maior francez, dos jesuitas que odeiam Dreyfus, simplesmente por ser filho d'um judeu; esse homem, essa gloria da França é Emilio Zola, que não temeu os grandes perseguidores dos innocentes, embora esses barbaros, esses tyrannos da justiça tivessem todo o poder executivo em suas mãos, não deixou por isso de escrever com a sua penna valorosa a defeza de Dreyfus e a condemnação dos magistrados que organisaram falsamente um processo de crime de traição a um servidor da patria, como foi o martyr do tribunal de Rennes.

Emilio Zola ergueu-se diante dos tyrannos, e disse-lhes: para traz infames, porque na vossa frente está a minha penna de escriptor liberal, e estará tambem a

voz da humanidade que vos enterrará na lama do maior opprobrio humano!

Assim aconteceu; os escriptos de Zola, as verdades que elle disse sem temer os carrascos da justiça, foram arceites por toda a sociedade como uma doutrina christã, sendo o grande escriptor perseguido, a ponto de se expatriar para se livrar das garras da putrida justiça.

Se não fosse este homem excelso, no talento, na virtude e no amor pela humanidade, não conheceria o mundo a enorme corrupção da justiça franceza, e Dreyfus acabaria os seus dias na ilha do Diabo, para onde foi degredado; morreria como têm morrido muitos innocentes, sem que alguém diga uma só palavra em sua defeza.

Ainda assim Dreyfus foi um tanto feliz, porque teve em seu favor a voz da humanidade, levada a toda a parte pela imprensa de todas as nações do mundo civilisado.

A justiça de Dreyfus era discutida em toda a parte, a sua innocencia estava na opinião publica, e a sua absolvição na esperanza de todos.

Dreyfus foi um martyr, é verdade, mas ainda teve quem o defendesse, não acabou os tristes dias da vida na prisão dos condemnados, por isso ainda não foi de todo infeliz.

Quantos e quantos, tão innocentes como elle, acabam os seus dias nas tetricas prisões, ou foram executados no patibulo com o cutelo da guilhotina, ou com a corda da forca, e nem por isso houve alguém que se interessasse por elles.

A campanha a favor de Dreyfus foi um phenomeno social, foi a demonstração do sentimento humano contra a corrupção dos homens que ministram a justiça da sociedade.

E permita Deus que esta campanha d'amor pela justiça, do bem pela humanidade, não fique só em Dreyfus, que appareça todas as vezes que seja preciso defender innocentes.

Entre nós, aonde a indiferença pelas causas publicas é manifestá, não servirá de estímulo o drama de Rennes, para nos levantar contra os maus executores das leis, que não são poucos os seus crimes de lesa-justiça.

Que a condemnação do innocente judeu francez e a infamia dos seus julgadores, sirva de exemplo a todos os magistrados do mundo, porque ninguém queira as honras da justiça que julgou Dreyfus.

(Continúa).

BORLIDO MARTINS.

ILHA DO MAIO

Esta ilha, terra da minha naturalidade, de que me recordo com saudade, é uma das do archipelago de Cabo Verde, que demora-se a 6 leguas leste de S. Thiago, d'onde quasi sempre se avista. Tem cinco leguas de comprimento sobre tres de largo.

Eleva-se consideravelmente sobre o nivel do mar, erguendo-se para o interior por tres morros em fórma de pico e para o sul fica um alto monte denominado Penoso.

Tem varios portos na costa, todos bastante mans por se acharem sementeados de cachopos.

Foi sua primeira povoação a de Nossa Senhora do Penoso, cujas ruínas ainda hoje attestam o mau gosto primitivo.

Presidiu, naturalmente, o pensamento da mudança da primeira povoação para a actual, por estar aquella

n'um porto cheio de cachopos que se estendem de N. N. E. e S. S. O. perto de uma milha, cujos baixos hoje são conhecidos pelo nome de *Galeão*, nome que lhe foi dado em consequencia de ter ali naufragado em 1642 o galeão real *Conceição*, em viagem á expugnação da Bahia.

O melhor porto da ilha é o actual denominado *Inglez*, que está situado ao S. O. — sendo o vento quadrante N. O. — é bem abrigado; o desembarque, porém, é um pouco mau, sendo as cargas e passageiros içados, quando o mar agitado, por uma armadilha de pau denominada por elles: *Gaiá*.

Assenta-se a actual povoação sobre o mesmo porto, d'onde lhe deriva também o nome, é situada sobre um rochedo a distancia de dez meiros sobre o mar, indo depois elevando se successivamente.

Descoberta esta ilha em 1 de maio de 1444, pelos exímios e corajosos marinheiros que compunham a armada em viagem de exploração marítima ao serviço do Infante D. Henrique, só em 1504 começou ella a sentir os primeiros impulsos de colonisação dados pelo capitão de S. Thiago, Rodrigo Affonso, seu primeiro donatário, por graça de El-Rei D. Manuel.

Passou depois, por successão e venda, a diversos donos até que em 1642, no reinado de D. João IV, incorporou-se nos bens da corôa e apesar de tantos donatarios, ainda em 1722 não contava senão 200 moradores em casas terreas.

A ilha é quasi toda inculta e serve a maior parte de pastagem, cujos gados, constituem a sua principal riqueza.

Apesar d'isso, tem muitas ribeiras productivas como a da Lagoa, Figueira, Alcatraz, Morro, S. Antonio e Pau Joanna, sendo a primeira, quando vivo o seu maior proprietario, o commendador Silverio Antonio Evora, o celloiro dos habitantes da ilha. Pen-amos e cremos como certo que, ainda assim, poderia esta ser mais bem cultivada, se não estivesse arreigado no animo dos habitantes o receio da estação da chuva, que tem sido escassa ha uns annos para cá, obrigando-os, portanto, a entregar-se ao fabrico de sal e criação de gados, que vendidos proporcionam-lhes os meios de subsistencia — além de augmentar os renditos do estado — porque havia o Evora e Cardozo que mantinham relações commerciaes em grande escala com os estrangeiros e faziam com que estes viessem á procura de sal, couro e pelles de cabra, que se exportavam em grandes quantidades.

A morte d'aquelles dois benemeritos cidadãos, foi em seguida a da ilha do Maio — porque eram elles os cabeças dirigentes da ilha e provinham de tudo para ella no sentido de a engrandecer e levar á altura das outras ilhas irmãs — como esteve, á ponto de, por vezes, ter a gloria de ser na estação da chuva — residencia do governador da provincia com todo o pessoal das secretarias, geral e fazenda, como no governo do conselheiro Pontes Pereira de Mello e D. Miguel José Noronha. Possuía bons edificios particulares e alguns publicos, hoje maior parte em ruínas, que obedeciam aos preceitos policiaes, faziam algumas ruas bem direitas e compridas, sendo a sua magestosa igreja matriz o que mais se destaca aos visitantes por todos os pontos da povoação pela situação em que está. E' pena não se ter concluido aquelle edificio, que pela sua elegancia e tamanho, depois de acabado como deve ser, seria o primeiro da provincia.

Causas da decadencia d'esta ilha de 1864 a esta data baseiam-se nas successivas faltas de chuvas, na elevação dos direitos de sal estrangeiro no Brazil, d'onde vinham sempre navios fazer o carregamento e final-

mente no pouco escrupulo que o Governo tem tido na promoção de cargos administrativos e fiscaes para ella. depois da morte do honrado, intelligente, e intransigente, Luiz Antonio Cardozo, porque a administração d'ella ficou depois entregue a pessoas analphabetas e levianas, protegidas umas por effeito da galopinagem eleitoral do governo Brandão de Mello, de saudosa memoria, a outras por simples motivo de dirigir uma casa commercial, entidades que o egoismo arrastavam para cima de tudo quanto é bello e bom ao progresso geral da ilha, contribuíram elles, assim, uns com a sua inaptidão atrophando tudo e outros com o desaparecimento dos rendimentos do estado que lhes estavam confiados — a ponto de em 1892 não poder ella apresentar um rendimento que lhe podesse garantir a continuação do concelho, ser passada a cathegoria de parochia do concelho da Praia de S. Thiago — quando é certo que não tem menor importancia commercial a da B. Vista e Sal, sendo indubitavelmente superior na agricultura.

Colloque-se pois funcionarios sérios e honestos á testa do posto fiscal e nomeie-se um representante do governo — homem de reconhecida probidade, intelligencia e pratica d'esse rendilhado e caprichoso modo de vida das terras pequenas, e administrem de outra forma a instrucção á mocidade estudiosa dos dois sexos — porque n'ella não ha uma escola de sexo feminino e ser insufficiente a unica que ha para sexo masculino, visto que aldeias ha bastantes populosas e distanciadadas da povoação para mais de tres leguas — e depois vejamos se em pouco tempo não se conseguirá levantar a á altura d'aquella actividade de trabalho, d'aquelle respeito a todos os ramos da sua administração publica e de todos aquelles conjuntos de cousas que reunidas em boa ordem, fazem a alavanca do progresso, visto que os habitantes que são criados e acostumados a uma miseria que pela falta de instrucção a não avaliam, contentam-se com um vil sustento, e não procuram os commodos da vida, por os desconhecerem.

L. A. EVORA.

RESENHA NOTICIOSA

PRAIA

Fallecen, quasi repentinamente, no dia 21 de setembro, o sr. Leão Vieira Vasconcellos, thesoureiro geral da Provincia.

A noticia, que se espalhou com rapidez na cidade, causou a maior consternação entre os amigos do sr. Vasconcellos e em toda a gente que o conhecia, pois que o seu excellente caracter reunia todas as qualidades do perfeito cavalheiro pelo seu genio lhano, agradável e obsequioso. O sr. Vasconcellos não tinha inimigos.

O seu enterro foi muito concorrido e n'elle se achavam representadas todas as classes da capital.

Paz a sua alma e os nossos sentidos pezames a todos os seus parentes.

Tem-se feito grandes plantações da arvore da borracha. Parece que vinga a idéa da arborisação. Oxalá que dure por muito tempo.

Foi nomeado thesoureiro geral interino o sr. José Bernardino Alfama, que se via ha longos annos como proposto de thesoureiro, funcionario muito habil, digno e honesto.

Foi acertada escolha, e justa nomeação.

Tem continuado a chover regularmente no interior da ilha de S. Thiago, havendo esperanças de um bom anno agricola.

Tem morrido algum gado atacado pelas moscas.

Falleceu a 19 do corrente na freguezia dos Orgãos o abastado proprietario e agricultor, sr. Pedro Alexandrino da Silva Pereira, que na sua quinta do *Serrado*, costumava receber principismente os seus hospedes.

Os nossos pezames a sua familia.

No dia 25 de setembro foi levantada a quarentena ao lazareto e ao *Bissau*.